DUAS PÁGINAS EM BRANCO

apontamentos para uma comédia

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PERSONAGENS

Mancília
Esterquilínia
Espertalínio da Porciúncula
Cavalcanti e Melro, *professor.*
Rocalipsa, *avó das moças.*
Isolina, *menina.*
Pedro
Paulo
Lagartixa, *soldado.*
Um guarda
Tenente
Soldados

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

Aparecem duas moças, uma assentada sobre uma mesa, outra em uma cadeira; uma luz em cima daquela; e um moço em pé, ensinando a que está assentada.

Chamaremos a uma — Mancília, à outra — Esterquilina; ao moço, Espertalínio.

ESPERTALÍNIO *(pegando na 'mão da discípula)* — Minha menina, pegue melhor na pena; a Sra. não está bem assentada *(endireitando-lhe o corpo)*, endireite mais o braço *(pegando neste)*. Esta letra não está bem caracterizada; mais assim; esta haste saiu muito grossa; tome tinta; saiu muito bonita esta figura; agora, sim, já vai moscando algum adiantamento.

MANCÍLIA — Ela sempre teve muito boa memória; é, é muito dócil; por isso há-de sempre fazer progressos; e assim tem sido!

ESPERTALÍNIO — Tem, porém, minha querida prima, esta nossa prima um grande defeito: sabe qual é?

MANC. *(descendo da mesa, sorrindo-se)* — Qual é?

ESPER. — Pois ainda não sabe?!

MANC . — Não.

ESPER. — É ter muito de formosa, muito de simpática, assaz de agradável e muitíssimo de amável.

(As duas sorriem-se; Mancília com estrondo.)

ESTERQUILÍNIA — Com tal mestre, ainda que eu não quisesse, havia de aprender muito e muito bem!

ESPER. — Estimo, e muito, que aprenda muito; e muito bem. Porém, parece-me uma parvoíce — vir cá todos os dias, ou todas as noites, instruí-la, podendo prepará-la em nossa casa *(repetem-se as gargalhadas).*

ESTER. — Cada vez o acho melhor; é muito difícil encontrar-se tanto e tão bom?

MANC. *(disfarçando)* — Estou hoje muito pouco disposta; sinto-me com as ideias algum tanto transtornadas. . . Não sei o que é que as ocupa... o que tenho.

ESTER. — O que tu tens eu sei *(abanando a cabeça);* é. . . bem sei o quê.

ESPER. — Isso é próprio nas moças que estudam; há dias em que têm as ideias claríssimas; há outros em que estão algum tanto turbas[1] ou obtusas; outros em que a lembrança dos apaixonados... as torna pensativas, alguns em que a vista deles as alegra! E assim como vivem para com eles pensam, escrevem bem, e contam! o que realmente não deixa de ser algum tanto célebre.

ESTER. — Apoiado; apoiado! É assim mesmo *(apontando para Mancília);* eu que a conheço, e bem de perto, é assim, priminho *(mostrando os dedos):* ela tem cinco namorados.

ESPER. — Pois logo cinco! Não se contenta com dois ou três, que é a conta das moças bonitas!? Com efeito — são muitos!

— Qual primo; é caçoada dela; eu não. . . tenho mais que um; e esse mesmo está longe e anda embarcado.

ESPER. — E o ama muito?

MANC. — Não; ele é meu primo; e por isso o estimo; quanto a amor. . . pode ser *(dando um suspiro):* mas não sei, este meu coração. . . não sei o que tem; ele sente, ele padece. . . *(larga a pena com que escreve e levanta a cabeça).* Sonhei que meu Pai havia habitado a casa de um parente e amigo por espaço de um ano; que nela alimentou-se; que as forças então

adquiridas me produziram; que pertenço ou devo pertencer a um filho desse homem. . . *(limpa os olhos)* que sou uma das salas de sua casa; que. . . *(cai sobre uma das mãos).*

ESPER. — Se eu pudesse, minha querida aluna, aliviá-la do pesar que sente em seu coração; se eu pudesse consolá-la da aflição que parece reinar em sua alma; se eu tivera forças para. . . *(abraça-a e beija ou faz que beija)* ah! que doçura eu sentiria. . . eu fruiria também aquela tranquilidade que tanto apeteço, careço e almejo.

ESTER. — Muito bem; muito bem! *(Levanta-se da mesa e sai.)*

MANC. *(levantando-se)* — Ah! que... *(espreguiçando-se)* que gozo eu sinto neste coração, nesfalma! Parece impossível que nesse Empíreo onde se diz tanto gozar-se, possa haver maiores gozos que neste mundo em que habitamos! Prolongue-me, pois, Deus a existência por séculos! *(Abraçando o mestre:)* Meu querido, meu amigo! eu sou tua, tu serás meu! Ainda tocaste-me, e de tal modo, que de prazer quase mataste-me! Sim! viveremos juntos; e para sempre!

ESPER. *(desprendendo-se de seus braços)* — Sim, Mancília, eu te amo também; eu te adoro. . . eu te quero; eu te desejo e meu amor não é desses amores poéticos que aparecem hoje, e apenas escritos sobre um quarto de papel — desaparecem da imaginação e do coração daqueles que dizem consagrá-los às suas amantes! É grande, é extenso, é forte; e com sua densidade não há nuvem, não há céu que se compare por mais espesso que pareça!

ROCALIPSA *(mulher velha, entrando)* — Que é isto, meu Deus! estas meninas... Primo Juquinha, primo Juquinha *(pondo as mãos na cabeça).* Ah! não é o priminho; é o Sr. Espertalino. Eu pensei que era ele. .. este mundo é sempre assim; sempre a gente anda se enganando! Cruzes; ave-maria com estas meninas!

MANC. *(ou Neta)* — Que é, minha Avó? Vovó, eu estava sonhando, em um sono *(botando a mão no ombro da Avó)* tão gostoso! Estava tão satisfeita... Se a Sra. soubesse!... ai, que bom era meu sonho! Olhe, minha vovó, eu estava com o mais querido de meus amantes sobre os braços, e no mais aprazível leito. O colchão, minha vovó, não eram cabelos, nem penas: sabe o que eram? Era feito de uma cousa mais macia que o arminho; era espécie de rede. . . não; era espécie de fio de seda; era certa densidão[3], da matéria mais macia que se pode imaginar; era como estes vapores que no inverno se levantam das águas. E sabe com quem? a quem beijava? em quem tocava! com quem gozava? com *(atirando-se-lhe nos braços),* com o meu. . . com o Deus das mulheres; com o meu sobre todos escolhido, e por fim preferido, o meu querido. . . não preciso dizer mais! A minha avó aprova, não? *(batendo-lhe no ombro)* aprova, sim; eu sei que aprova!

ROCALIPSA *(ou Avó, retorcendo-se toda)* — Pois eu o que hei-de fazer? Vocês querem; amam-se; gostam-se. . . não há remédio senão concordar; contem com a minha aprovação. Tratem do enxoval, porque estas cousas não se demoram muito! Dito e feito, é melhor do que o melhor confeito! conversado e demorado, é pior que o pior bocado!

ESPER. A tua vó gosta tanto, Mancília, que até fez-se hoje Poeta! Que te parece!

MANC . Ela sempre foi.. . Mas costuma esconder suas habilidades; e só nos momentos de entusiasmo é que as revela!

ESPER. Tu sabes quem há-de ficar algum tanto desgostoso com o que se acaba de passar; e com a nossa junção; é aquele velho Adão, que por ti morria de paixão!

MANC. Qual! Eu já o fiz esquecer-se de mim! Já lhe fiz crer que era muito velho; que não podia servir; e parece que ele conformou-se, porque retirou-se, e nunca mais cá voltou.

ESPER. — Estas cousas trazem recordações; estas saudades. ..

MANC. — Era indiferente; eu seria sempre a sua querida Mancília! Ele, um indivíduo a quem há muito desprezei!

ROC. — Sejam felizes, meninas! Sejam felizes! Vou ver o meu antigo velho como vai das suas erisipelas; das suas dores de cabeça, enxaquecas da barriga, e de tudo o mais que costuma sofrer, porque velhos-moços, isto, maridos novos, já não me é fácil encontrar. . . Adeus! até logo.

AMBOS *(para ela)* — Até logo! *(Com cumprimentos muito profundos.)*

UMA MENINA *(entrando)* — Ui! vocês estão aqui! O que estão fazendo?!

— Vai Iá para onde está a vovó, menina.

MENINA — Eu não; quero ver o que vocês fazem; quero aprender a ser sábia.

MANC. — Tu és muito pequenina ainda para ser sábia. Tens muito pouca idade; não podes por isso já aprender conosco.

MENINA — Não faz mal. Eu vejo agora; aprendo; e quando for grande, faço *(gargalhadas, quer de Mancília, quer de Espertalínio).*

ESPER. — E que te parece a menina?! Que viva, que espirituosa, que desembaraçada, e que fina é ela.

MANC . — É verdade, destas há poucas! O que mais interessante acho é ela querer aprender agora para quando for grande.

ESPER. — E pensa bem.

MENINA — Assim como se aprende a ler, a escrever, a contar; a costurar, a bordar, a picar, quando se é pequena, se deve aprender tudo o mais para quando se for grande saber fazer!

MANC. — O remédio que há para nos escaparmos dela é entrarmos para aquele quarto e mandarmos levar uma flor à minha avó *(tira uma flor de um jarro);* pega, Isolina, leva para a vovó. Dize-lhe que esta adália é das mais mimosas que me mandaram hoje do jardim do Sr. Duque do Triunfo. *(A menina pega e põe-se a brincar com a flor.)*

MANCÍLIA *(para Espertalínio ou Professor, enfiando o braço)* — Vamos e entremos. *(Seguem e entram.)*

MENINA — Pensam que eu sou tola! *(Abanando com a cabeça para diante.)* Eu bem sei. *(apontando para o quarto)* o que eles foram fazer ali. . . Foram se casar! Pensavam que me enganavam. . . boas! Eu não levo a flor enquanto eles não sairem de lá. *(Passeando e cantando.)* Eu sou menina e muito bonitinha. Hei-de me casar *(levantando a flor)* com esta florzinha! Não quero um menino, muito formosinho, porque é impertinente e muito demente. Prefiro esta flor porque não causa dor! Só oferta prazer a quem a sabe ver *(Repete estes versos e sai.)*

ATO SEGUNDO

Cena Primeira

Dois bilhares no cenário, cada um com o seu jogador — Pedro e Paulo.

PEDRO — *(depois de algumas tacadas)* — Não há melhor modo de jogar! Trabalho há duas horas para fazer uma carambola! e ainda o parceiro se não incomoda! Que diz, amigo? *(e continuando sempre)* não é assim!?

PAULO — Sem dúvida! Eu também me tenho divertido à grande, e o que é melhor é que nada se perde.

PEDRO — Oh! isso é nada! Os jogadores se não incomodarem é que. . . que acho muito mais apreciável! *(Salta uma bola.)* Se pilha algum passante, era capaz de lhe furar a barriga! Que diz, amigo Paulo?

PAULO — É verdade; Somos parceiros sem parceiros *(salta outra bola.)* Oh! foi bola rara! Mas o que vale é que encontrou uma forte parede: mais que as muralhas de Sebastopol; não comparo com o Humaitá porque me parece inferior àquelas! Estou cansado *(atirando com o taco! Saem de um lado os novos esposos.)*

MANC. — Que te parece, Espertalínio? Durante o nosso consórcio, transformaram-nos a sala de visitas em casa de jogo de bilhar, de que eu tenho tanta quizila[3] pelo barulho das bolas! Ora que graça tem isto? *(Pega num taco e atira numa bola.)*

ESPER. — E é mesmo; agora é que eu respiro! Srs. *(para os jogadores),* quem lhes permitiu entrar aqui, pôr bilhares e jogar?

PEDRO — Nós não sabemos! Entremos. . . nós passemos, vimos aqui estes jogos, entremos, estávamos nos divertindo! E o Sr. o que quer agora!?

MANC. — Quero que os Srs. tirem isto daqui! *(Faz rodar um bilhar que quase alcança um dos jogadores .)*

PAULO — Ai! *(e dá um grande pulo)* quase que me mata!

PEDRO *(à parte)* — Antes que me atirem com o outro, vou me safando! *(Dá três ou quatro pulos e sai.)*

PAULO — É bom ser prudente! E quando se está contente, sair é conveniente!
(Sai fazendo piruletas- e com os braços abertos.)

MANC . *(muito zangada)* — Foi bom safarem-se, ao contrário havia de converter-lhes os braços em tacos e as cabeças em bolas. Das pernas far-lhes-ia tripeças e dos couros... panos para estes bilhares. *(Ouve-se gritar: — Âs armas! As armas!)* Espertalínio, stás ouvindo?! Ouves? Gritam: — Às armas! Às armas! Que é isto? *(Muito assustada.)* Heim? que é o que ouço, Espertalínio!?

ESPER. É verdade. Que diabo é isto? Onde será? Quem sofrerá? Serão inimigos!? Oh! vou ver.

MANC . *(atacando)* — Não; não sairás daqui! Não quero que vás. Não hás de ir! Eu não posso ficar só.

ESPER. — E se alguém pena, padece, é atacado ou morre? Vou *(querendo desprender-se dos braços da mulher),* vou, Mancília, vou! Não posso, não posso ouvir gemer — gritar, podendo falar, correr — sem acudir.

MANC . — E eu *(chorando),* eu morro! morro, morro, se tu me deixas. Não *(ajoelha-se)* sairás daqui, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo! Espertalínio, não me deixes! Casamo-nos on-

tem e já hoje havia eu perder-te!? E se te matassem! queimassem! fuzilassem! que seria de mim!? Que seria do nosso filhinho, com que já conto!? Não! não! *(agarrando-o pelas pernas)* tu não vais *(levantando-se).* Sim, não vais *(com muita suavidade),* eu sei — tu me atendes. Não me deixarás só; e quando há perigo, nem por cinco minutos! *(Abraçam-se e beijam-se.)* Vamos antes nos divertir nestes tabuleiros que aqui nos puseram. *(No ato de pegar nos tacos, entram soldados de espadas desembainhadas, que gritam:)* — Presos! à ordem do Ilmo. Sr. Sapientíssimo, Digníssimo e Eminentíssimo Sr. Dr. dos Chefes de Polícia desta muito Leal cidade e valoroso consorte de Sua Majestade Imperial do Brasil, o Sr. Dom Quixote de las Tulherias!

ESPER. *(para Mancília)* — Foge para o quarto enquanto eu os entretenho!

MANC. *(safando-se com a maior cautela)* — Eh, eh. . . *(arregalando os olhos, com a face virada paro a plateia)* eh. . . ê! a cousa não está boa não!

ESPER. *para os soldados)* — Os Srs. estão enganados! *(Muito assustado)* A diligência não é para esta casa, Srs. Aqui não há gente revolucionária! Os Srs. não vêem? *(Abrindo os braços.)* Sou eu só e...

LAGARTIXA *(soldado)* — Já disse — está preso! Foi acusado de haver roubado — estes bilhares hoje! Ontem, de haver furtado uma moça! e agora há-de ser — de não ter furtado duas ou três em vez de uma só! Que pateta! Seu tolo! Agora *(muito zangado),* seu toleirão, há-de ficar com essa bruxa que tem em casa! *(Â parte):* E ainda a mandou para o quarto, pensando que nós a quereríamos! *(Para ele):* Vamos! Vamos! *(Pegando-lhe no braço)* há-de ir, quer sim, quer sopa, quer seja asneira, quer seja peneira! Stá ouvindo bem? Fique sabendo que assim é! *(Arrastam-o e levam-o.[5])*

ESPER. *(arrastado e gritando)* — Eu estou inocente! inocente! Deixem-me!

UM SOLDADO *(que vai na retaguarda, empurrando-o)* — Caminha, pateta, que vais comer cousa melhor!

Cena Segunda

(Aparece Mancília, cabelos desgrenhados, aspecto muito triste e lagrimosa.)

MANC. — Meu Deus! que é isto! que vejo! que sombras negras ante mim volteiam! que horror! meu marido chamado à Polícia e perdido! minha Mãe ontem enterrada! meu Pai quase morto, senão morto! minha Avó talvez a esta hora nas mais horríveis agonias! eu só. . . sem amparo! sem um encosto sobre a terra! *(Bate nas palmas e cai de joelhos.)* Deus de misericórdia, fazei descer sobre mim, ainda que sejam os mais leves vapores de vossa graça! abençoai uma de vossas mais infelizes filhas! tirai de sobre ela metade ao menos do peso que a mata! que a oprime! *(Com uma das mãos nas sobrancelhas e levantando-se com um movimento rápido.)* Ai! que é isto, meu Deus! não bastavam os meus sofrimentos morais *(com a mão na testa)* ainda esta horrível dor de cabeça, que não sei como ainda vivo; como falo; como penso; como discorro! ai! *(querendo caminhar, dando alguns passos)* que sonho horrível é este mundo! a minha consciência me oprime! sinto o remorso corroer-me o coração, como se fora um bicho! Vejo a morte diante de meus olhos! tudo vejo! aberto o sepulcro! um cutelo sobre aquela mesa! meu sangue derramado corre em jorros! eu desfaleço! eu caio! meu marido! meu querido esposo! nunca mais o verei! perdido! perdido! eu... eu que... isto é. . . não!. . . eu. . . onde estou!? o que faço!? ia. . . mas. . . Deus! Deus! Deus! *(bate no chão com um pé)* não me acode!? não me vale nesta aflição! oh! então não há esse Ente supremo! sim! não... eu cria... mas agora... crerei ainda!? fugi. . . vou. . . *(levanta os braços, corre à porta e encontra o guarda que a vem buscar, dá um grito de dor e cai como morta; os soldados fogem espavoridos; passados alguns minutos entra um Tenente).*

TENENTE — Que é isto?! A hoteleira aqui caída! Estará bêbada ou doente!? Levantemo-la *(pega-a pelos braços e levanta-a).*

MANC. *(levantando-se de um sono)* — Sr., por quem é, diga-me: Que foi isto!? Viu meu marido? O Sr. quem é? Ele já foi solto? Ele ainda está preso? *(com palavras muito macias e repassadas de dor).*

TENENTE — A Sra. não é aqui a hoteleira?

MANC. — Eu? não Sr.; porém, se o Sr. tem fome, sede.. . poderei, já que me fez tão grande favor, aqui o satisfazer. . . matar *(apontando para seu peito)* a fome que traz.

TEN. — Pois não! Eu entrei supondo que era um hotel *(com certo ar de desdém)* seja ou não seja *(entrando e sentando-se)* já que me oferece, aqui comerei *(estendendo as pernas)* e também *(pondo uma perna por cima da outra e encostando a cabeça em uma mão)* e também dormirei! E mais alguma cousa farei, se a madama permitir! *(Â parte):* É lindíssima! Assim ela quisesse esquecer-se do marido, principalmente agora que eu estou. . . casadinho — solteiro, solteirinho! Que *(cantando)* é melhor que casado, casadinho, casadinho; casadinho; ca-sa-di-nho! ca-sa-di-nho! ca-sa-di-nho! Nhô! nhô, nhô, nhô, nhô!

Cena Terceira

ESPERTALÍNIO *(entrando)* — Oh! o Sr. por aqui!

TEN. Pois vossa, Vossa Exa. me conhece?!

ESPER. Quando ontem aqui o vi, não o conheci; mas lembrei-me de que tinha visto há muito alguém na Campanha, com quem o achei parecido.

TEN. É verdade que habito em uma das vilas da Campanha, em Caçapava; e o Sr. quem é?!

ESPER. Chamo-me Espertalínio da Porciúncula Cavalcante e Melro; e la tenho um irmão, que se chama Misantropo Mosquitos Rabiscaio.

TEN. — É de não crer; com tal nome... o que Iá existe tem o sobrenome de Carnaúba; V. Exa. tem o cognome de...

ESPER. — Pois fique sabendo que assim é!

TEN. — Ainda duvido... eu sei que ele tem um irmão; como é o seu nome de batismo?

— José.

TEN. — Então é verdade... Mas esse José *(espantado, abrindo as mãos, arregalando os olhos)* era gordo ou cheio de corpo; e o Sr. está cadavérico!

ESPER. — Não se admire; porque o muito que hei sofrido em minha vida, os numerosos males que hei padecido — eram bastantes para matarem-me. Entretanto — eu ainda vivo! Também noto que o Sr. não tem agora aquela face mimosa dos tempos em que eu pela primeira vez o vi; não é aquele Adônis de cútis macia... de cetim ou de veludo, de faces nacaradas e de lábios rubicundos! é hoje um marcial" algum tanto mais áspero no macilento rosto; nos gestos, nas maneiras! é o que fazem os anos e os trabalhos. Recordo, porém, ainda de sua baixinha e mui formosa esposa, e de seus não menos de cinco filhinhos, talvez.

TEN. — Reconheço que me conhece; negociava eu nesse tempo com um seu amigo e sócio.

ESPER. — É verdade que fui encarregado de fazer algumas cobranças da casa comercial de um amigo com quem havia tratado sociedade, mas que nunca realizamos. Pretende demorar-se aqui muito tempo?

TEN. — Estou às ordens de S. Exa. o Sr. Presidente da Província.

ESPER. — Veio a negócio de importância?

TEN. — Não.

ESPER. — Pretende continuar a vir a esta casa?

TEN. — Entrei supondo ser hotel.

ESPER. — Não é; mas pode aqui vir jantar as vezes que quiser.

— Agradeço-lhe muito e muito. . . Tenho algumas voltas a dar; e retiro-me.

ESPER. — Eu vou fazer outro tanto. *(Despedem-se; entra a mulher.)*

MANC. *(ou mulher de Espertalínio; ao vê-lo, corre e grita)* — Meu querido esposo! *(Abraça-o.)* Quanto foi para mim terrível tua ausência!

ESPER. — Sim, querida Mancília, também eu sofri os maiores tormentos durante nossa cruel ausência, embora tivesse a todos os instantes... quase, quase morri, de saudades tuas! Aprouve felizmente a Deus juntar-nos. *(Pausa.)* Quem era certo oficial que aqui encontrei, minha amiga?

MANC. — Não conheço; foi a primeira vez que o vi; entretanto fez-me um grande obséquio: levantou-me nos braços, pois com tua ausência tive um desmaio.

ESPER. — Pois eu fiquei-o aborrecendo; achei-o tão impertinente! . ..

MANC. — Eu ouvi tudo; ele não queria crer-te, nem acreditar-te; mas falaste tão bem sobre os milagres que em vários tempos faz o Ente supremo aparecer entre nós; discutiste que era um milagre haver um só homem escrito mais de duzentos livros, como é o aparecimento de um grande poeta sem estudos de arte — de um político sem estudos de ciência, e assim sobre as grandes, maravilhosas verdades, como sobre o que de vez em quando lhe apraz iluminar-nos! Também gostei muito de ouvir-te sobre os retratos. . . isto é — o conhecimento do interior do indivíduo, pelas formas exteriores; pelas feições do rosto, conhecestes o moral de tuas amigas! Uma séria, sisuda e bela, ou de um coração assaz brando, ou magnânimo; outra, com a expressão de uma jovem amiga — de brincar, caçoar, divertida ou velhaca —

mas também dotada de sentimentos os mais nobres!

ESPER. — É verdade, minha querida amiga; tal qual as compreendi, as descrevi; assim elas são! Tu sabes, porém, do que eu não gostei? foi dele dizer-me que gostava de ver as mulheres bem asseadas e de ir *(pega nos peitos, beija-a e vai-lhe levantando o vestido, não muito)* fazendo assim *(com ar gracioso)* como nós costumamos fazer. . . *(beijando-a, pegando nos peitos e levantando os engomados vestidos, etc.)* tu sabes, não?

MANC. — Pois deveras ele te disse isso? É um ladrão! roubou os teus gostos e costumes! Não converses mais com ele, meu amigo; senão, ficas sem cousa alguma.

ESPER. — Oh! esta é a melhor! Então porque ele gosta, já perco tudo, não?! Não o faça ele contigo. . . e o mais fica por minha conta.

MANC . *(admirada)* — Comigo? Não faças tal juízo a meu respeito, se não me querer ver traspassada de dor.

ESPER. *(à parte)* — Assim dizem as mulheres todas — umas morrem de canelas, outras morrem de fivelas, outras não sei de quê — quando seus maridos lembram assim alguns desvarios .. . não — alguns desenjoamentos! Entretanto, cada uma prega-lhes cada trunfa *(abrindo os braços, comparando)!* Há alguns que trazem barris de quarto na cabeça; e outros. . . até — pipas de 180 canadas! Perto, porém, dos maridos. . . oh! são umas santinhas; juram; praguejam; embrabecem, e. . . coitado daquele que não faz crer que as acredita! São capazes de lhes pôr veneno até no ar que os deve refrescar e alimentar. *(Para Mancília):* São horas, minha queridinha *(abraçando e beijando)* de tomarmos algum alimento .

MANC. — Que te hei-de dar, se nada tenho!?

ESPER. Como?

MANC. Noivos não comem, senão na cama *(dando alguns pulinhos);* não bebem, senão na cama. Portanto, vamos para ela e la o fartarei.

ESPER. Esta agora é melhor *(olhando para a plateia).* Estou feliz. Não preciso gastar dinheiro; nem trabalhar; bebo na cama a mulher; visto também na cama a mulher, divirto-me na cama com a mulher. *(Dançando.)* Estou muito feliz! Estou muito feliz! muito feliz! e muito feliz! *(Para a mulher):* Então não me acompanhas?!

MANC. Pois não! *(Pega-lhe nas mãos, dança e canta com ele.)*

AMBOS E quem tiver inveja — faça o mesmo! faça o mesmo! Em vez de gastar — é melhor casar. *(Podem repetir-se estas palavras; e assim parece dever terminar a comédia.)*

MANC . Das duas páginas em branco, eu já fui hoje uma escritada; a outra o meu velhinho *(batendo-lhe no ombro)* há de escritar amanhã.

Por — José Joaquim de Campos Leão

Qorpo-Santo

Porto Alegre, maio 5 de 1866.

NOTAS

1. Turbas = turvas.
2. Assim no texto.
3. No texto: *quiliza,* por *quizila.*
4. O A. prefere *piruletas* a *piruetas.*
5. Assim no texto.
6. Entenda-se: um *adônis marcial. . .*

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo